

SE NÃO ERA PARA MUDAR, QUE VIEMOS FAZER AQUI?

O Sr. **JESUALDO CAVALCANTI** (PFL – PI) – Sr. Presidente, Srs. Constituintes, encaminhei ao ilustre Deputado Daso Coimbra, em 14 de dezembro último, carta em que esclareço minha posição em face do chamado Centrão, cujo teor peço seja transcrito nos Anais desta Casa.

E o faço em nome da transparência que deve nortear a atuação do homem público, cujas atitudes hão de guardar, tanto quanto o permita a dinâmica dos fatos políticos e sociais, irrecusável fidelidade aos princípios que defende e pelos quais se submete ao veredito popular.

A exemplo dos eminentes companheiros, mas, certamente, sem o mesmo brilho, aqui me encontro, credenciado pela confiança do povo do Piauí, para praticar um ato de grandeza histórica, qual seja de contribuir, honestamente, para a edificação de instituições democráticas, vigorosas e duradouras. Mas não basta a intenção; é preciso a determinação de praticá-lo sem tardança, atentos aos anseios da Nação, que tem pressa.

De fato, em torno desta Constituinte rondam, em dimensões assustadoras, um perigoso pessimismo e uma preocupante descrença. Diria mesmo que o nosso povo, assustado com a sucessão e artificialidade dos impasses que vêm retardando os trabalhos constituintes, já não mais acredita que sejamos capazes de legar-lhe um texto constitucional que modifique, profundamente, as estruturas econômicas, políticas e sociais vigentes e o conduza a uma sociedade livre, justa e solidária.

No entanto, forçosamente temos que produzi-lo, pois frustrada esta Constituinte, consumado seu fracasso, é difícil vislumbrar outra saída democrática para a crise de confiança que estamos a viver. E há quem aposte nesse eventual insucesso, e até por ele ardorosamente torça, seja por não acreditar nas virtudes do projeto democrático de vida, seja por ver no retorno do autoritarismo o caminho para a perpetuação de privilégios injustos e descabidos. Daí a grave responsabilidade que recai sobre os nossos ombros. Certo é que não podemos assumir, perante a posteridade, o desastroso papel de coveiros da democracia.

Mas é necessário, Sr. Presidente e Srs. Constituintes, que a nossa Constituição, realmente, consagre avanços sociais e políticos significativos, sem os quais não será contemporânea da hora presente, caracterizada pelo ânimo da modernidade. Afinal, se não era para mudar, que viemos fazer aqui? Se era para manter o **status quo**, não haveria necessidade de convocar-se uma pomposa Assembléia Nacional Constituinte, além do mais livre e soberana.

Que ninguém se assuste com as mudanças legítimas e acordes com as realidades do Brasil. Assim, não deve assustar-nos a ampliação dos direitos dos que trabalham e produzem ou a criação de mecanismos que assegurem o pleno exercício da cidadania. Deve assustar-nos, isto sim, a retrógrada privatização dos cartórios de notas e registros públicos, herança rediviva do feudalismo e eterno berço dos **marajás**, a par da imoral efetivação de seus substitutos com apenas dez meses de serviço, medidas, infelizmente, previstas no projeto de Constituição.

Concluindo, Sr. Presidente e Srs. Constituintes, reafirmo que, errando ou acertando, seguirei os ditames de minha consciência e que ninguém espere contar com o meu voto para frustrar as aspirações do povo brasileiro.

DOCUMENTO A QUE SE REFERE O Sr. JESUALDO CAVACALNTI

“Dep. Daso Coimbra, paz! Fixei uma posição desde que aqui cheguei: não integrar qualquer grupo suprapartidário.

Apesar da insistência dos convites, tenho-a mantido, coerentemente, e não pretendo mudá-la.

Com surpresa, constato, agora, a inclusão de meu modesto nome entre os integrantes do Centrão...

Peço corrigir esse equívoco, pois embora livre para fazê-lo, sem nenhum desdouro, jamais autorizei tal coisa nem participei de qualquer entendimento ou reunião de que se pudesse deduzir algum compromisso com esse grupo.

Simplemente quero votar segundo minha consciência, preservando-me, desta forma, de pressões, cobranças, lobismos e patrulhamentos.

Assim agindo, subscrevi todas as propostas que, reabrindo a faculdade de apresentação de emendas, permitissem o aperfeiçoamento do projeto de Constituição, reconhecidamente falho.

Entendo que a modificação do Regimento Interno da Constituinte, com vistas a democratizar o processo de feitura da Constituição, não tem qualquer conotação ideológica. Afinal, ainda não consegui, ao longo desses dez meses de trabalho, ver discutida e votada nenhuma das emendas que apresentei. Assim, 80% dos demais Constituintes. Nada mais justo e racional, portanto, que pôr fim a essa maquiavélica camisa de força.

Devo acrescentar que, se pertencesse ao Centrão, dele, forçosamente, teria que me afastar diante das alevisias, recentemente assacadas contra o clero, sobretudo a CNBB.

Cordiais Saudações, Deputado Jesualdo Cavalcanti (PFL-PI)”.
.

(Discurso do Dep. Jesualdo Cavalcanti na Assembléia Nacional Constituinte em 07.01.88.)